



Jaqueline Sobral Demczuk

### CIP - Catalogação na Publicação

Demczuk, Jaqueline Sobral  
Como Ser Um Palhaço: O que aprendi com o riso no  
processo de formação em licenciatura em Artes Visuais  
/ Jaqueline Sobral Demczuk. -- 2022.  
60 f.  
Orientadora: Aline Nunes da Rosa.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,  
BR-RS, 2022.

1. humor. 2. formação inicial de professores. 3.  
educação das artes visuais. 4. processos de criação  
artística. 5. riso. I. Rosa, Aline Nunes da, orient.  
II. Título.

Como Ser Um Palhaço:

O que aprendi com o riso no processo de formação em licenciatura em Artes Visuais

Jaqueline Sobral Demczuk

Licenciatura em Artes Visuais

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Aline Nunes da Rosa

Banca examinadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Camila Monteiro Schenkel

Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi

Porto Alegre, 2022

*Para Eduarda Birk.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por sempre ter apoiado meu trabalho e por ter promovido a melhor atmosfera possível para a existência do riso. Obrigada por terem me ensinado a ver o lado positivo mesmo nos momentos adversos.

A Aline Nunes, minha querida orientadora, professora que me acolheu, sempre atenta em tornar minha trajetória de formação mais leve, oferecendo sabedoria, luz e afeto. Obrigada por todas as trocas.

A Camila Schenkel e Cristian Poletti, pela sensibilidade de enxergar potência nas minhas criações e orientar caminhos possíveis dessa pesquisa. Obrigada pelas contribuições e pelo reconhecimento.

A minha mãe, profissional apaixonada pela educação, que me inspira todos os dias para dar a melhor versão de mim em tudo que faço. Obrigada pelos conselhos, pelas orientações e por aguentar meus momentos mais críticos durante a realização desse texto.

Aos colegas do curso e amigos queridos, que acompanham minha trajetória e estiveram sempre ao meu lado para me ajudar. Ana Flávia, Caroline, Cristiano, Eduardo, Gabriela, Juliana e Rodrigo, vocês foram muito importantes, obrigada!

E ao meu gato Cookie, que esteve ao meu lado em todos os momentos de escrita desse texto.

*“Rir é um ato de resistência.”*

(Paulo Gustavo)

## RESUMO

A elaboração desse Trabalho de Conclusão se dá por meio de relatos que narram meus percursos ao longo da formação inicial em Artes Visuais, trazendo recortes de situações nas quais a presença do humor e do riso se fizeram como pontos fundantes de um pensamento sobre a importância destes fenômenos em minha construção como professora de artes visuais e artista.

Nesse texto exploro a trajetória que percorri, na qual comecei negando, depois reconhecendo, e, então, lapidando, para finalmente reverenciar o humor como uma potência dentro da arte e da educação. Enquanto conversava com os filósofos através dos livros, me dei conta de quanto o humor pode ter um espírito amargurado e maldoso. Não é bem isso que quero tratar, nunca pretendi nem pretendo ofender ninguém com as minhas criações. O objetivo do trabalho é revisitar memórias e reproduzir os passos dados em direção a afirmação do humor como identidade. Quero destacar as potências do humor e do riso enquanto aglutinantes do saber durante etapas formativas.

Ao longo da escrita, dialogo com autores como Jorge Larrosa, Christian Dunker, Terry Eagleton e Henri Bergson.

Palavras-chave: humor; formação inicial de professores; educação das artes visuais; processos de criação artística;

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
HUMOR E INFÂNCIA	9
RETIRED FROM SAD, NEW CAREER IN BUSINESS	16
ARTE E HUMOR E EDUCAÇÃO	24
ROLÊ NO BREJO	31
PROFISSÃO PALHAÇO	34
CONCLUSÃO	45
ANEXOS	47
BIBLIOGRAFIA	58



## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, escolhi contar a trajetória que percorri desde antes da graduação, e o porquê ter escolhido ela, até os estágios finais do curso. A graça, o riso e as piadas sempre fizeram parte do meu cotidiano, com esse texto, dou um passo em direção a afirmação de que o humor é a essência do que faço.

Cada capítulo servirá como guia para um período da minha vida, onde um acontecimento acaba catalisando para produção de diversos trabalhos.

Preciso definir o significado pessoal de alguns termos importantes para o entendimento do texto e do contexto em que ele se localiza. Construí esse glossário a partir de referências bibliográficas, ditos familiares, piadas internas (algumas entre eu e eu mesma) e memes da internet.

### **Redefinições:**

**Humor:** É o que provoca o riso; troca significados para que seja engraçado; promove disrupturas e questiona comportamentos sociais.

**Palhaço:** Muito se relaciona à palavra Palhaço com o significado de Idiota. Não é um termo depreciativo de forma alguma. Palhaço é aquele que alegra, que se comunica prioritariamente com as crianças, que não tem vergonha de ser infantil e faz graça principalmente através da piada física. Para mim, é uma figura de extremo afeto, e apesar de fazer algumas aparições especiais em filmes de horror e documentários de serial killers, aqui o palhaço contribuirá apenas para as memórias doces.

Termos específicos sobre humor:

**Piada física:** A forma de fazer humor que conta com artifícios da materialidade. Exemplo: No filme 'O Noviço Rebelde' (1997, Tizuka Yamasaki), há uma cena em que o personagem Didi aparece com um topete gigantesco feito de espuma de sabão e isso nos arranca gostosas risadas.

Das palavras inventadas:

**Coringar:** Gíria, usada por jovens que significa enlouquecer, ficar louco, perder a linha, se revoltar contra a sociedade ou contra alguma coisa, ficar fora das ideias, agir igual ao Coringa.

**Fefetinho/a:** Palavra derivada da palavra 'perfeitinho'. Criada por mim em 2020, ao tentar acalmar minha gata após uma ida ao veterinário; serve para definir algo ou alguém que é muito fofo, bonito e arrumado.

**Malevolosidade:** A palavra, que é inventada, serve de título para a música da antiga banda de Rock Gaúcho, Superguidis, em que o personagem principal diz para a provável amada que ela deseje toda sua maldade sobre ele, para provar que, mesmo assim, ele não irá se voltar contra ela.

**Milonga:** Originalmente significa um gênero musical típico da Argentina e Uruguai. Porém na minha família, referimos

como Milonga um objeto difícil de definir do qual não lembramos o nome. Exemplo: “Onde botaram aquela milonga que deixei em cima da mesa?” Palavra criada pelo meu avô, Afonso Sobral.

Nem todos os termos citados aparecerão ao longo do texto, mas era uma grande vontade minha inseri-los em um documento, para que mais pessoas pudessem ter acesso à origem e ao significado delas.

## HUMOR E INFÂNCIA

Voltando ao início de tudo, a ironia e a provocação estiveram presentes na minha essência desde criança. Lembro de um episódio no meu aniversário de 5 anos. Minha mãe sempre organizava as festinhas de aniversário aqui de casa no modo ‘Faça Você Mesmo’, não importava se isso significasse ter que virar a noite colocando pedrinhas em um globo de espelhos ou costurando saias de tutu. Naquela vez, foi decidido que o tema da minha festa seria Sítio do Pica-pau Amarelo e eu pedi para usar uma fantasia “igualzinha” a da personagem Emília. Para garantir a fidelidade da fantasia, minha mãe também me colocou uma peruca e maquiou meu rosto. Era um sonho realizado, naquele momento senti como se eu fosse a própria boneca de pano (foi minha primeira experiência com a arte Drag) Entrei no personagem e esbanjei beijinhos, fazia cara de nojenta e soltava comentários inteligentes e ácidos característicos da personagem que eu amava tanto. Fiz o entretenimento da minha própria festa. Acontece que, após a festa, minha família resolveu dar um passeio no centro de Tramandaí e eu fui junto –totalmente caracterizada de Emília. Não demorou muito para que outras crianças corressem atrás de mim para ver se eu “era de verdade”, pedindo abraços e fotos. Me mantive no personagem e fazia caras e bocas enquanto minha família tentava explicar para os pais das crianças que eu era apenas uma menina fantasiada e não a atriz do seriado de verdade. Esse acontecimento foi tão marcante e eu gostei tanto que minha mãe e minhas tias decidiram repetir a dose na festinha da

creche, desta vez fazendo até um roteiro de apresentação, com direito a pó de pirlimpimpim e tudo.



Imagem 1: (Aqui na foto com a minha bisavó Margarida, personagem importante do meu trabalho “raízes/arte/ensino”)

A imagem 1 também se conecta com outro trabalho meu realizado em 2020. Durante o isolamento social obrigatório devido à crise sanitária de Covid-19, aproveitei o silêncio mental para aprofundar meus estudos com a plasticidade da tinta guache, utilizando como referência minhas fotos preferidas da família. Guardamos muitas fotos de aniversário na minha

casa. Porém, desde a primeira vez que vi a foto que deu origem ao trabalho Aniversário do Gui (Imagem 2), achei muito engraçada a forma como ícones da cultura pop totalmente contrastantes se misturam, assim como uma salada de frutas contendo azeitonas. A história é que minha bisavó (imagem 1) saiu para comprar uma toalha para o aniversário do meu irmão e, sem a consciência de quem era Hello Kitty e sua turma, acabou levando a toalha da gatinha para compor a decoração da festa do Batman. Naquela época ninguém deu bola, nem se incomodou com essa confusão. Anos depois, já adulta, eu me dei conta do poder *Warholiano* dessa fotografia. Para entender a profundidade dessa piada visual, é preciso uma noção básica do público alvo ao qual cada uma das personagens se identifica.



Imagem 2: Aniversário do Gui, guache

20 x 20 cm, 2020, Jaque Demcz.

A primeira vez que senti a necessidade de apresentar algo que eu fiz para os outros, foi quando escrevi com uma colega da escola, uma peça sobre os efeitos do aquecimento global. Na época, Renan Mion era o nosso professor de teatro da escola Instituto Vicente Pallotti, e, prontamente, nos deu espaço para apresentarmos a peça –com roteiro, iluminação, cenografia e divulgação. O Renan é um artista e um arte-educador de inspiração incessável. Com certeza, experienciar a paixão que ele tinha ao nos ensinar me levou ao caminho que hoje traço. Essa produção que fizemos sozinhas era muito tosca, mas foi justamente a abertura que o professor deu, e a seriedade que teve ao lidar com aquela proposta “tosca”, porém genuína, que me indicou que a arte poderia transformar minhas ideias mais malucas em realidade. Era algo muito comum as colegas virem para a minha casa para nos fantasiar e regravar cenas de novelas. Essas cenas que gravávamos iam direto para o Youtube, para um canal chamado “Brasil do Humor”. Eu sempre ficava nos bastidores das gravações, fornecendo o figurino, definindo roteiro, dirigindo cenas e posteriormente editando e publicando os conteúdos em um canal do Youtube. Infelizmente, todos esses conteúdos foram perdidos, restando apenas uma regravação de uma cena da novela “A Favorita” - escrita por João Emanuel Carneiro - foi uma novela icônica que rodou na Rede Globo durante 2008, e que até hoje rende *memes* muito engraçados na internet. O enredo trata de duas melhores amigas, também parceiras de dupla sertaneja, que acabam por terem seus destinos entrelaçados por um crime que cometem. Abaixo, é possível assistir um trecho da versão do “Brasil do Humor” em meu trabalho ‘Experimentação poética cinema imagem infância (2021)’ (Imagem 3).

Experimentação poética cinema imagem infância



Imagem 3: Experimentação poética cinema imagem infância, vídeo-arte, 2021, Jaque Demcz.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H16MhGEQriM&>



Ao iniciar meus estudos no Instituto de Artes em 2016, mantive uma postura muito séria em relação ao meu próprio trabalho. Passei três semestres tentando encontrar uma temática, de forma superficial e fracassada. Naquela época, o fracasso ainda não havia se transformado em humor, apenas em bloqueio criativo. Enquanto sofria, achando que meu trabalho era incapaz de ser selecionado - para sequer uma exposição dentro de um banheiro de bar - me mantive produzindo desenhos, mesmo que não os considerasse “artísticos” o suficiente.

No filme *The Future* (2011, Miranda July), existe uma cena em que uma menina encara um desenho de retrato que o pai fez dela, em uma exposição dentro de um centro veterinário. A menina tenta encontrar várias respostas para entender por quê ou o porquê de o desenho deles ter sido o único a sobrar em meio a tantas outras peças já vendidas.

*“But no one wanted. So many of the other ones got bought, but ours is still here.”*

“Mas ninguém quis. Tantos outros foram vendidos, e o nosso continua aqui.”

O pai, que também é o artista, tenta a consolar dizendo:

“Well maybe it's just no one's cup of tea.”

“Talvez não seja do agrado de ninguém.”

Por muitas vezes, estive na posição dessa menina, sem entender por que minhas obras nunca foram selecionadas para exposições, ou por que ninguém tinha interesse em comprar as reproduções de obras impressas, mesmo com os preços baixíssimos. Acredito que, até hoje, ainda não tenha superado o rancor gerado por essas experiências de rejeição, a diferença é que, atualmente, utilizo minha expressão criativa para soltar toda essa *malevolosidade*, e poder rir de alguma coisa que um dia já me fez chorar.

## RETIRED FROM SAD, NEW CAREER IN BUSINESS

“Aposentando a tristeza e começando uma nova carreira de negócios”

Em 2019, estava conversando com um amigo pela internet (como sempre, já saí da barriga da minha mãe pedindo a senha do wi-fi), e ele me envia uma fotografia, tirada em 2013 (Imagem 4).



Imagem 4: Detalhe de fotografia

Esse anexo inesperado desencadeou boas risadas. Perceba a cena: o sapo parece extremamente desconfortável, a ponto de me bater; olhando agora, fico impressionada que ele não tenha feito isso mesmo. Começo a devanear, imagino que ele seja um senhor mal-humorado, que não gosta de jovens e está sendo obrigado a conviver comigo e com os meus amigos presentes no momento da foto. Essa fotografia me deu um ânimo criativo enorme, criei dentro da minha imaginação um universo inteiro de sapos circenses, cada um com uma personalidade única. Logo, coloquei-os no papel e publiquei numa

rede social, para testar a temperatura desse tipo de criação (Imagem 5). Tive uma resposta muito positiva de meus amigos, que interagiram e me incentivaram a continuar criando outros personagens.

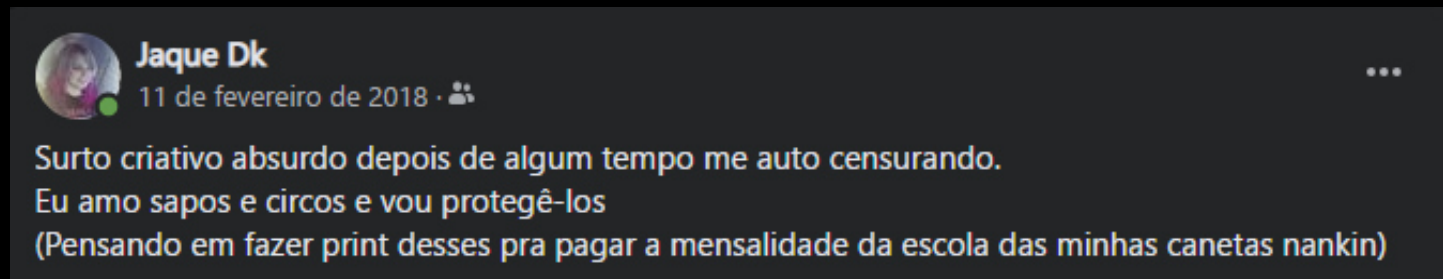


Imagem 5: Detalhe da postagem e da série de desenhos de sapos circenses

Mais tarde, no mesmo ano, no final da disciplina Atelier de Desenho II, estava novamente estagnada em minhas temáticas. A tarefa para o trabalho final era produzir algum desenho em grande escala, e eu não conseguia pensar em nada que me agradasse o suficiente, a ponto de produzir em tamanho gigantesco. Fiquei cabisbaixa, sentada na concorrida poltrona do atelier de desenho, quando o professor Flávio Gonçalves enxerga um rascunho dentro da minha pasta (Imagem 6), e exclama “O que é isto aqui?”, ao que respondo “é só uma brincadeira”, eram alguns desenhos que havia feito no início do ano. Flávio sugere, então, que eu reproduza esse desenho, e comenta que seria muito engraçado recriar essa criatura em formato “tamanho real” (Imagem 8). Esse momento foi decisivo para que eu finalmente aceitasse e digerisse a ideia de me levar menos a sério.

Preciso reconhecer aqui que Flávio foi o professor que percebeu minha insatisfação com minha produção e contribuiu de diversas formas para que eu não desistisse durante o processo. As aulas de Atelier de Desenho com Flávio sempre foram as minhas favoritas, Flávio é uma pessoa de humor extremamente inteligente e ácido, não é todo mundo que consegue entender a ironia de algumas de suas colocações. Estudando os tipos de humor, consigo compreender como isso faz parte de manter uma personagem à la *Cruella de Vil*, nunca se sabe quando a pessoa está realmente brincando ou soltando algumas opiniões verdadeiras travestidas de piada. Para aprender a se levar menos a sério, rir de si mesmo e rir com os outros, é preciso desapegar-se do ego e de algumas sentimentalidades.



Imagem 6: Detalhe de processo de desenho.

Uma boa dose de humor envolve o que Freud conhecia como dessublimação. As energias que investimos em algum nobre ideal ou exaltado alter ego são liberadas como riso quando são rudemente colapsadas. Como manter tais ideais envolve certo grau de tensão psicológica, não ter de fazer isso pode ser gratificante. Estamos livres para manter uma face moral respeitável enquanto colhemos os deliciosos frutos de sermos abertamente grosseiros, cínicos, egoístas, obtusos, insultantes, moralmente indolentes, emocionalmente anestesiados e ultrajantemente autoindulgentes. (EAGLETON, 2020, p. 22)

Em alguns momentos, perguntei a mim mesma se não existiam pessoas que acham que eu era arrogante, malvada, ou sentiam-se intimidadas por conta da “Máquina Metralhadora de Piadas” que carrego nas costas, a todo lugar que eu vou.

Comecei, então, a pensar menos na resposta externa e foquei em me divertir com a arte. Pode-se dizer que “Coringuei”.



Imagem 7: "Who's that stupid clown blocking the bathroom sink?"

Foto: Gabriela Rosa, 2020.

Por mais que não me identifique tanto com a psicanálise e seus cânones, é preciso admitir que a psicanálise é uma área que contribuiu muito para o estudo do humor, então resolvi trazer importantes observações psicanalíticas para a minha pesquisa.

Em 'O palhaço e o psicanalista', Christian Dunker fala sobre a "acidez", muito presente em aspectos das minhas obras.

Palhaços e psicanalistas são pagos para dizer o que as pessoas não querem ouvir, ainda que digam o contrário. Somos pagos para contrariar nossos clientes. Para dizer aquilo que seus entes mais queridos, por amor, por proximidade perspectiva ou por pena, jamais dirão. Aquilo que seus oponentes e inimigos mais terríveis vivem gritando, mas do qual eles não conseguem extrair o grama de verdade diluído no litro de veneno. (DUNKER, 2019, p. 45).





Imagem 8: Mr. Frog, carvão e pastel seco sobre papel kraft, 2018, Jaque Demcz.

“Julio Cortázar, esse cronópio amável, terror dos famas, dizia que gostava de se olhar no espelho com a gravata ao pescoço, porque isso lhe dava a sensação de que um senhor de gravata tem de ser um senhor estupendo.” (LARROSA, 2017, p. 137).

## ARTE E HUMOR E EDUCAÇÃO

Sapos que usam gravatas só podem viver dentro do universo das fábulas, certo?

Em 2018, fiz parte do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), nele pude fazer experimentações com a docência. Uma dessas experiências, foi trazer parte do meu processo criativo para os alunos e transformar a sala de aula num ambiente de trocas paralelas, sem distinguir o papel de aluno/professor. A atividade que propus era incentivar que cada aluno criasse seu próprio zine, da temática de preferência deles mesmos (não me dei conta que, mesmo eu, dentro da faculdade, demorei em torno de 2 anos para encontrar minha poética, não sei o que tinha na cabeça em achar que para os alunos do 7º ano essa seria uma tarefa fácil). Eu estava ali, produzindo a mesma coisa que eles, eles contribuía para o meu processo criativo, da mesma maneira que eu contribuía para o deles, como colegas artistas. Obviamente não foi fácil como escrevo aqui, houveram diversos impedimentos, alguns problemas comportamentais dos alunos e falhas técnicas minhas, confundindo mais os alunos que realmente ensinando. E isso faz parte, por algum tempo fiquei insegura, achando que não estava preparada para encarar a sala de aula. No meio dessa experiência surgiu o zine ‘Talvez Eu Pule Por Aí’ (Imagem 9).

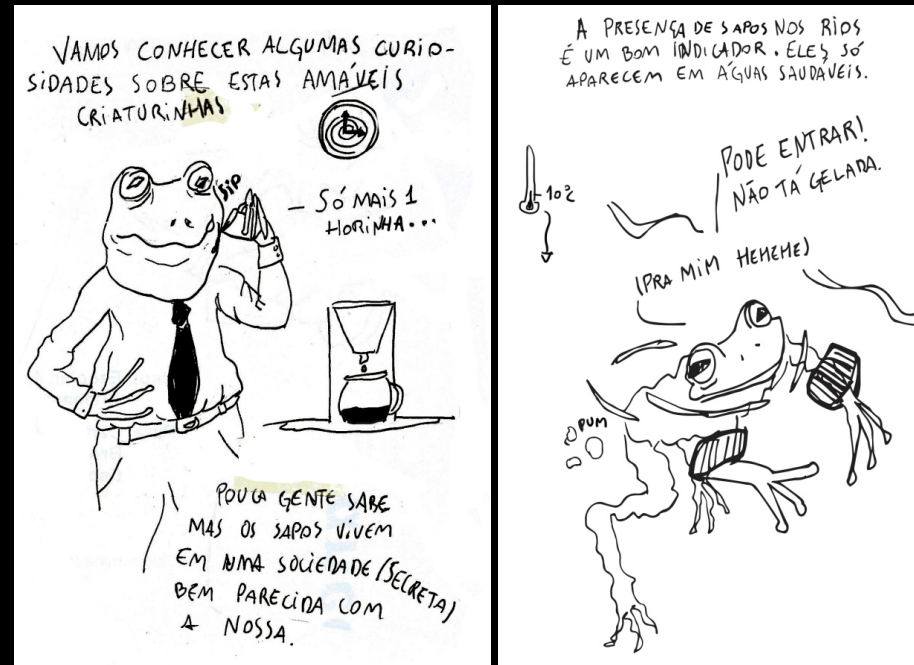


Imagem 9: Páginas do zine 'Talvez Eu Pule Por Aí'

Disponível em: <https://issuu.com/jaquedemcz/docs/sapos>

Durante a disciplina Tópicos Especiais em Desenho, com a professora Nara Amélia, pude desbravar e aprofundar minha pesquisa sobre o universo de animais antropomórficos. O trabalho da Nara também retrata animais antropomórficos, e se apropria do estudo da fisionomia para trazer contrapontos do comportamento animal *versus* comportamento humano. Minha troca com Nara foi muito rica, e nessa época mergulhei fundo nas fábulas de Esopo.

As fábulas, desde sua criação, serviam para transmissão de sabedoria e de caráter para o homem, assim, os animais e as

situações vividas pretendiam servir de exemplo para os humanos. Enquanto professora em formação, eu tinha muita curiosidade em saber como seria a recepção dos alunos ao serem apresentados a um texto tão datado quanto esse. Então, em 2021, surge a oportunidade de realizar uma aula experimental remota para a turma de 4º ano da escola Alfredo José Justo (Imagem 11), a convite da professora e neuropsicopedagoga Ester Sobral (ou mais conhecida como minha mãe). Selecionei algumas das minhas fábulas preferidas, que tivessem algum caráter humorístico, já que os textos originais de Esopo são um pouco pesados, e também porque não gostaria de pesar a atmosfera trazendo algo muito complexo para digerir em apenas uma aula. A fábula que escolhi para trabalhar com os alunos, chama-se “O gato médico e as galinhas”. A versão que levei aos alunos contava com ilustrações do artista Eduardo Berliner.

“Um gato ouviu dizer que , num galinheiro, havia galinhas doentes. Então ele se vestiu de médico, pegou os instrumentos da profissão e foi para lá. Diante do galinheiro, ele se deteve e perguntou como as galinhas estavam passando. E elas responderam: “Estamos passando muito bem, contanto que você se afaste daqui!””

Discutimos o porquê da reação das galinhas e sobre a audácia do gato, e então propus que criássemos, cada um (novamente incluindo a mim mesma como participante da proposta), um personagem e uma frase, inspirando-se em alguma situação de nossas vidas. Após o tempo estipulado, tive poucos retornos. Decidi mostrar a minha produção e alguns dos sapos circenses (por dica da Profª Ester), e eles ficaram muito entusiasmados, retornando quase que instantaneamente micro-fábulas e desenhos muito divertidos. Nessa proposta, tive um retorno absurdamente positivo e notei grande satisfação por parte dos alunos, que passaram a semana produzindo mais fábulas e enviando-as para a professora. Foram produzidas fábulas onde um gato trabalha como juiz, uma perereca passa por diversos procedimentos estéticos para perseguir seu sonho de ser bailarina internacional, e outro gato, que trabalha como cargo de confiança de algum órgão da cidade.

Percebi que os choquei, no momento em que apresentei a possibilidade de rir e produzir riso em “sala de aula” (aqui, virtual).

“[...] na Pedagogia, moraliza-se demasiadamente. E o discurso moralizante tem um tom grave, sério, um certo tom patético. A segunda hipótese é que o campo pedagógico é um campo constituído sobre um incurável otimismo. E o riso está sempre associado a uma certa tristeza, a uma certa melancolia, a um certo desprendimento.”(LARROSA, 2017, p. 142).

Tem-se a ideia equivocada de que uma aula onde se ri muito, é uma aula de um professor que não possui credibilidade, ou que esse professor quer ser querido pelos alunos, portanto, não se importa com o conteúdo a ser ensinado. A meu ver, rir na sala de aula faz parte de criar uma atmosfera acolhedora, que alguns ambientes de ensino possuem (e que a maioria deveria ter). Libertar o riso é incentivar a liberdade para ser, dentro desse espaço de tantas potências.

Devido ao sucesso dessa proposição de aula, o projeto se estendeu para uma oficina na extensão PAED (Programa de Apoio Extra Disciplinar)<sup>1</sup>, na qual pude atuar durante um ano como bolsista. Oferecemos oficinas relacionadas a arte e infância para professores da rede pública e privada, que trabalhassem prioritariamente com educação infantil. Tive a experiência de ensinar a quem ensina. Participar da formação extracurricular de professores e professoras de educação infantil, que se interessam por arte, foi muito gratificante, pois pude rever o processo de libertação da criatividade em adultos. É de se esperar que todo o processo formativo nos leve a um *modus operandi* quase mecânico, mesmo que tentemos, o tempo todo, humanizar a educação, o mercado de trabalho e a própria academia exigem essa seriedade. Acredito que não tem

<sup>1</sup> O PAED é um programa de apoio extra-disciplinar ao curso de licenciatura em Artes Visuais, criado pela professora Paula Mastroberti em 2016, com o intuito de ampliar as experiências dos alunos na educação infantil e fomentar a pesquisa de novas tecnologias educativas. Atuei como bolsista do programa durante 2021, e nesse período produzi um vídeo para o 22º Salão de Extensão da UFRGS, explicando um pouco mais sobre o projeto e ações promovidas anteriormente. O vídeo pode ser acessado em: < <https://youtu.be/WN7WICKZlks> >.

nada de errado em nos ser cobrada uma postura profissional no ambiente de trabalho, mas qual é a grande razão por trás disso? Não foram poucas as vezes durante minha formação como professora no Curso Normal, que fui “pega de surpresa” pelas orientadoras. Muitas dessas vezes estava organizando uma enorme bagunça da sala de aula e logo depois, era chamada ao corredor para conversar, onde escutava sermões do tipo “Você deve ter autoridade e zelar pelo silêncio na sala de aula!”. Este foi um dos principais motivos pelos quais decidi me formar professora de artes. Não queria conduzir minhas aulas no “modo mudo”.

Em “O Noviço Rebelde” (1997, Tizuka Yamasaki), o personagem “Didi” trabalha como babá de seis crianças. Por ser uma pessoa muito brincalhona, por diversas vezes o personagem é pego no flagra promovendo brincadeiras e bagunça com as crianças. Nessas situações, mesmo com os patrões tendo ciência de que ele cumpre suas funções com prazer e excelência, e que as crianças o respeitam independente das brincadeiras, é chamada sua atenção e lhe é pedido que ele “se comporte como adulto”, caso contrário, perderá seu emprego. Esse “balde de água fria” é um exemplo do que acontece com todos os profissionais que saem fora da postura padrão esperada de um profissional “sério”. Acerca desse tema, Eagleton (2020) declara:

“De fato, a palavra “humor” originalmente significa alguém cujo comportamento diverge da norma.”.

Dentro da formação em Artes Visuais, em momento algum tive essa experiência de boicote. Pelo contrário, fui muito bem recebida pelas escolas e pelos professores, e minhas mais mirabolantes propostas foram realizadas com sucesso.

As experiências de Estágio II e III foram bastante esclarecedoras, e contribuíram para o amadurecimento de minha postura enquanto professora. Por muitas vezes, me percebia insegura, não sabendo como seria no futuro, quando seria necessário planejar aulas e tirar milhares de “coelhos da cartola” por semana.

Utilizo o humor para brincar com essa desconstrução que ocorreu através de uma reflexão na disciplina de Estágio II (Imagem 10), onde concluo que não existe nenhuma mágica nem mistério nesse processo, e que muito da rotina de um professor depende apenas dessa conexão com os alunos, para entender demandas e estratégias.

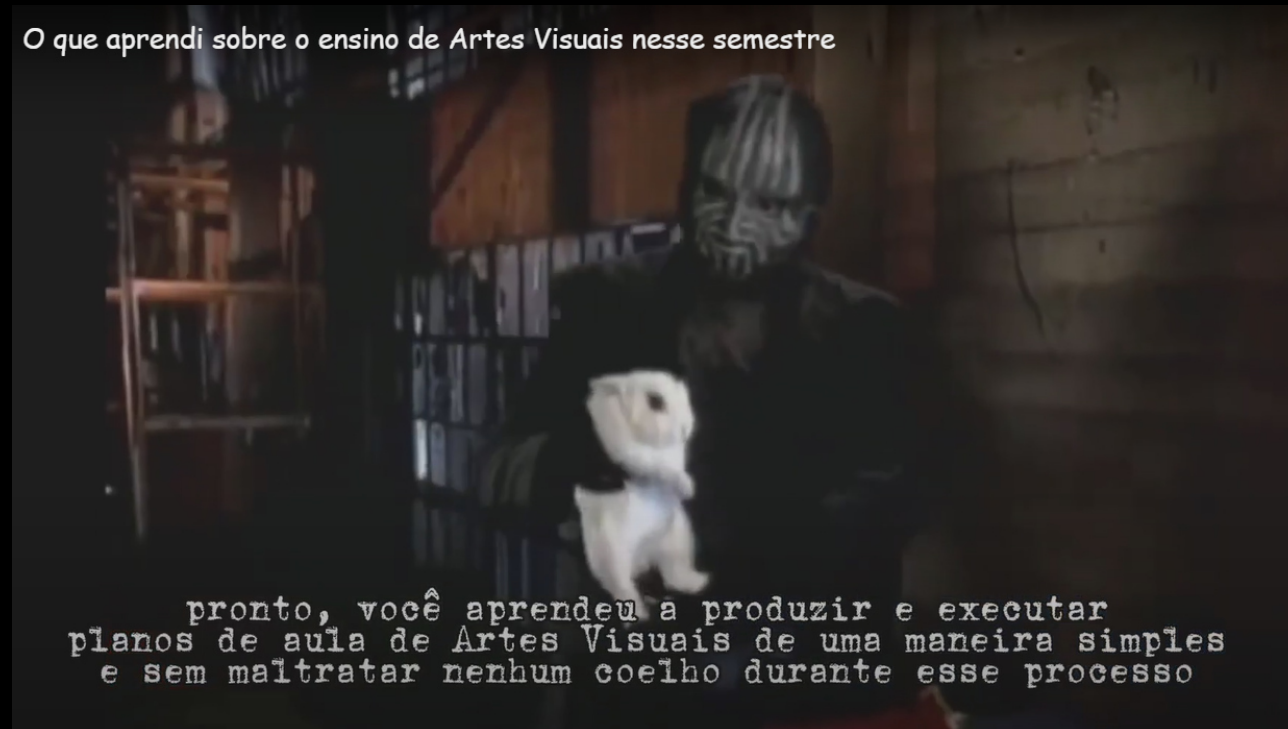


Imagem 10: Cena do vídeo "O que aprendi sobre o ensino de Artes Visuais nesse semestre", 2021, Jaque Demcz.

Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=dU\\_mMyFNiR0&](https://www.youtube.com/watch?v=dU_mMyFNiR0&)

Muitas das estratégias do humor podem ser utilizadas na sala de aula. Uma delas é o improviso. O pensamento rápido exigido para o improviso é muito útil nas aulas, em que muitas vezes as coisas não correm como o esperado e precisamos agir imediatamente para manter a atenção de nosso “respeitável público”. Não existe estratégia, mas um mecanismo de defesa, que depende de uma reflexão acerca do próprio ser, e um desligamento do eu, Larrosa fala dessa necessidade:

A distância que o riso estabelece é, agora, entre o sujeito e si mesmo. É, portanto, uma distância reflexiva em cujo vazio instala-se o poder subversivo do riso. O riso, quando é entendido como autoironia, como um componente irônico da própria consciência, supõe sempre um olhar cético sobre si mesmo. E funciona assim, como um tipo de corretivo frente a uma consciência que tende à fixação, à limitação, a sentir-se demasiadamente crente de si mesma.” (LARROSA, 2017, p. 154).





Imagem 11 e 12: Registro com a turma em uma das aulas experimentais no 4º ano da EMEF Alfredo José Justo.

Sempre digo a todos que me perguntam o motivo de eu ter escolhido ser professora e não qualquer outra coisa, que a escola é um lugar de paz, e que esse é o lugar que eu gosto de estar. Com isso, não quero dizer que a escola é perfeita, ou que não existam momentos de conflito, mas que eu não conheço outro trabalho no qual me sinta tão realizada criativamente, e até mesmo acolhida pelas pessoas. Sendo filha, irmã, prima e neta de professores, a escola já significa um pouco de casa e família.

## ROLÊ NO BREJO

“Mas, por que sapos?”

Aqui, listarei os motivos do meu apego à figura dos sapos na realização da minha poética. Hoje em dia eles estão em forma de desenho, adesivos e bibelôs, em todos os lugares da minha casa. Toda vez que alguém próximo vê um sapo, logo lembra-se de mim. Que os sapos são criaturas extremamente engraçadas e expressivas, todo mundo tem ideia, dado que estes fazem parte da nossa infância, através de canções, livros, estampas, brinquedos...

A minha infância também teve tudo isso, mas o que realmente me marcou foi a oportunidade do contato real com anfíbios, através do meu padrinho, que cuidava de diversos animais em casa, e trabalhava como servidor do Ceclimar da UFRGS. Dindo, Silvio Luiz, ou tio Silvio, me recebia em sua casa na cidade de Santo Antônio da Patrulha com uma aranha, um sapo ou um pato em suas mãos. Com ele, aprendi muito sobre respeito e cuidado com a natureza. Essa convivência me fez perder o medo de interagir com anfíbios, principalmente, porque na casa de veraneio da minha família, localizada no município de Tramandaí, viviam muitos sapos, e todos os dias recebíamos visitas inesperadas deles dentro do box de chuveiro. Imagine, você tomando um banho relaxante após um dia na praia, se depara com uma criatura bem verdinha, assim, contrastando com o azulejo, e com aqueles olhos bem redondinhos, às vezes piscando, pacíficos, quase como se exclamasse “Ah, opa! Vim aproveitar seu banho, é bom economizar água. Pode fingir que eu nem estou aqui, tá?”.

Eu e os sapos temos o que se pode classificar como uma “amizade simbiótica”: eles contribuem para a minha produção

pictórica, e eu retorno o favor promovendo a conscientização dos humanos sobre a importância deles para o nosso planeta.



Imagem 12: Rolê de bike, Cupinxá, ilustração digital, 2019, Jaque Demcz.

Desde o canal *Brasil do Humor*, tenho interesse em trabalhar questões pertinentes à conservação do nosso planeta, utilizando o humor como recurso. Acredito que seja por isso que minha relação com os sapos tenha dado tão certo.

O humor zomba a postura negacionista que muitas vezes mantemos perante situações tão sérias acerca da sustentabilidade de nossa existência. Óbvio, ninguém gosta de ter o seu “barato” cortado para receber notícias terríveis, que indicam que logo logo ficaremos sem casa nessa galáxia, caso não mudemos nossos comportamentos e costumes, imediatamente.

Não confundi-lo, tampouco, com esse riso frívolo, um tanto cruel e algo masoquista, que se utiliza como barreira de proteção contra o sério, como mecanismo de defesa frente ao sério. Esse riso que não é senão uma estratégia de convite do eu que, para escapar da angústia, e sem poder negar o real, faz desaparecer, na zombaria, qualquer conteúdo. Esse riso que retrocede, que caminha sempre para trás, e que não é senão um dispositivo para não jogar nenhum jogo, para não se jogar em nenhum jogo. (LARROSA, 2017, p. 140).

## PROFISSÃO PALHAÇO

A figura do palhaço sempre me despertou grande interesse, por conta das maquiagens e roupas coloridas. O palhaço não tem medo de misturar cores, estampas e de ser literalmente ridículo. Sempre presentes na minha criação pictórica (Imagem 12), os palhaços e mímicos ganharam espaço importante na minha pesquisa, que começou com o seguinte questionamento: "Como fazer humor sem querer ser engraçado?". Não há nada mais angustiante do que ver uma coisa que desesperadamente tenta fazer rir. A comédia também tem suas frustrações, e é preciso um grande filtro de qualidade, para não acabar tornando-se a razão do riso por motivos errados.

Neste exato instante em que você está lendo estas palavras, milhares de palhaços em todo o mundo estão em hospitais, campos de batalha, campos de refugiados, escutando pessoas, relacionando-se verdadeiramente com elas, buscando, por meio do afeto e do humor, amenizar a dor daqueles que estão passando por situações trágicas e delicadas. Dessa imagem, inferimos por que a comédia é uma espécie de tratamento para a tragédia. Um tratamento que não nega nem destitui a existência do pior, mas que faz com ele uma espécie de inversão de sentido. (DUNKER, 2019, p.28).

Acaba que a pesquisa inicial virou para um caminho misterioso e sombrio. Assim como afirma Dunker a comédia é um tratamento para a tragédia. Resolvi, então, trazer o foco para a tristeza escondida do palhaço, essa decadência, imagem totalmente oposta, e que poucos têm acesso enquanto espectadores. O motivo de querer mostrar esse lado obscuro, é que eu mesma vivo por este processo, explicado por Freud como uma forma de dissociar das dores da existência.

O humor, assim como a arte, é um destes caminhos onde o princípio do prazer triunfa sobre o princípio da realidade, dentro do campo da saúde psíquica, onde o desejo se realiza e se contrapõe à pulsão de morte, onde, na situação-limite de encontro com o real, a pulsão se inscreve no campo das representações, produzindo um efeito simbólico. Se o chiste é um modelo para se pensar o inconsciente, o humor é uma forma sublimada de lidar com as dores do existir, sem perder a graça." (MORAIS, 2008, p. 114-124).

Entendo que o humor e a arte contribuem um para o outro nessa vontade de ressignificar a realidade e os acontecimentos desprazerosos.

“Picture myself in a beautiful place.” (The Garden)



Call This # Now, 2016. vídeoclipe 4min. Publicado pelo canal Epitaph Records.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DTNcrUBCqXk&>

Os integrantes da dupla The Garden explicam a letra da música *Call this “#” now*, “A música surgiu em meio a uma espécie de batalha pessoal que estávamos lidando em nossas vidas pessoais.” De acordo com a dupla, a faixa foi inspirada em “sentimentos de trapaça e agressão”.

Palhaços, coringas e bobos da corte, talvez *pierrots* sejam sensíveis demais para entrar nesse clube de travessuras. O *jester*, que na tradução para o português seria bobo da corte

(Tradução que perde o sentido nesse contexto, pois “bobo” normalmente é entendido como ingênuo, e nessas personagens temos tudo, menos ingenuidade. Prefiro usar a versão em inglês que, em sua etimologia, significa “contador de histórias”.

*Jester* é uma figura travessa e trapaceira. Sua intenção é divertir-se, causando caos e dançando com a moralidade, trazendo à tona, certas hipocrisias da sociedade. O Jester é aquele que joga tortas de merengue na cara dos outros. Na cultura pop, normalmente, o Jester ocupa um lugar de identidade muito forte, se apropriando da estética e do discurso da contracultura. É como se um palhaço e um anarquista tivessem adotado uma criança.



Cena do videoclipe Call This # Now, 2016. vídeoclipe 4min. Publicado pelo canal Epitaph Records.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DTNcrUBCqXk&>



O que Jester, o palhaço e o coringa têm em comum com o professor de artes? Os dois ouvem o tempo todo comentários como "Deve ser incrível o seu trabalho! Imagina passar o dia todo desenhando/fazendo graça! Mas eu não teria coragem.". Realmente, é preciso muita coragem para tornar-se qualquer um dos dois.



(Imagem 12: Detalhe do processo de pintura em cerâmica)

O riso questiona os hábitos e os lugares comuns da linguagem. E, no limite, o riso transporta a suspeita de que toda linguagem direta é falsa, de que toda vestimenta, inclusive toda a pele, é máscara. (LARROSA, 2017, p. 151-152).



Joker, papel, colagem, 23.7 x 32.7 cm, 1969, Robert Filliou.

*"To who wants to know what I am and what others take me for. From Robert Filliou (as I am and people take me for)*

'Para quem quer saber o que eu sou e o que os outros me consideram. De Robert Filliou (como sou e como as pessoas me consideram)'

Em 2019, passei por um processo muito difícil de mudanças, que me fizeram enfrentar novamente momentos de tristeza e incerteza acerca do futuro. Estávamos na segunda metade do semestre, na disciplina Atelier de Tópicos Especiais em Desenho I, e a professora Nara Amélia propôs que fizéssemos um livro de artista como projeto final. Fiquei um tempo pensando na estruturação do meu projeto e encontrei, em casa, um livro antigo sobre gestão empresarial. Eu estava bastante imersa na identidade circense e resolvi "reescrevê-lo", trocando as palavras que já estavam impressas, fazendo colagens e apagando o texto.

Percebi a potência pictórica que eu tinha em mãos e comecei a apagar o texto usando nankin branca e preta, para que ficasse parecido com a famosa pasta de tinta que os palhaços usam como base para a maquiagem.

Como referência trago o trabalho *Joker* do artista Robert Filliou, uma carta endereçada para aqueles que querem conhecê-lo. Considero o meu trabalho “Como ser um palhaço”, uma espécie de certidão de nascimento de uma persona que sempre pertenci, mas pouco assumia ao mundo.



Como ser um palhaço, 2019, Jaque Demcz

Disponível na íntegra nos anexos 1-12

O texto do livro é uma metáfora sobre as dificuldades de viver tendo escolhido a profissão de artista. Ao longo das páginas transformo o livro em um diário, trocando nomes de pessoas, lugares e objetos para sinônimos circenses. Relato situações numa visão ingênua e fantástica, onde a gravidade é perdida, ficando apenas o humor em pura essência sublimática.<sup>2</sup>

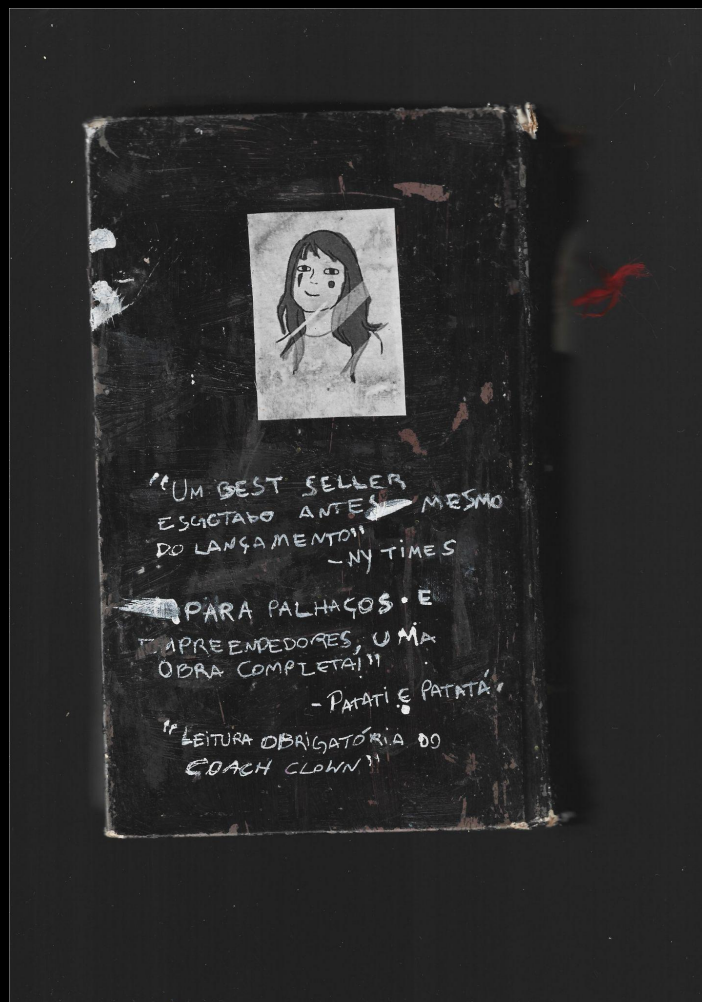
“Afastese, olhe para a vida como um espectador desinteressado: muitos dramas se transformarão em comédia.” (BERGSON, 2007, p.23).

“É um chiste, padre!”. Frase dita pelo personagem Didi, no filme O Noviço Rebelde, e ele a usa para justificar, ao amigo padre, a graça que faz com o coronel da cidade, um homem estúpido e violento.

Assim como Didi transforma o medo do coronel em chiste, transformo as microagressões do meu cotidiano em graça também. Uso o humor como combustível para não perder a esperança e espalhar essa energia sobre tudo que produzo.

“Como uma obra de arte efetiva, a comédia ilumina o mundo de um ângulo distinto, e o faz de uma maneira que nenhuma outra prática social pode fazer.” (EAGLETON, 2020, p.34).

<sup>2</sup> Fato engraçado: metade das situações vividas aconteceram dentro de gráficas expressas, onde trabalhei como responsável pelo acompanhamento de impressões que utilizavam a tecnologia de tinta sublimática.



Como ser um palhaço, 2019, Jaque Demcz

## CONCLUSÃO

O humor seguirá sendo a fonte inesgotável de inspiração para minha produção e pesquisa. Existem muitos caminhos a serem percorridos. Conceitos trazidos aqui, ainda irão amadurecer conforme a expansão das minhas experiências em sala de aula. Tenho muita vontade de continuar descobrindo teóricos e artistas que compartilham a mesma admiração que eu pelo riso, um assunto tão vasto e cheio de potências. Fazer rir para continuar sendo, para continuar existindo.

O riso habita um lugar de resistência, dentro da arte e da educação, mais ainda. A graduação me deu oportunidade de refletir sobre a auto ironia e aprender que, durante o processo de formação, não existem experiências imutáveis.

Rever experiências da graduação me trouxe a vontade de continuar produzindo, sozinha ou com os alunos. Outros trabalhos me trouxeram uma certa melancolia, pois, precisei atravessar novamente por algumas experiências não tão agradáveis, que no dado momento, decidi transformar em graça.

Apesar da melancolia e da descoberta desse lado obscuro do riso, pude desenvolver capacidades importantes para a minha formação docente. Fico feliz de poder ocupar um espaço tão significativo dentro da educação, onde tenho liberdade para promover saberes, sem rédeas, sem limitações.

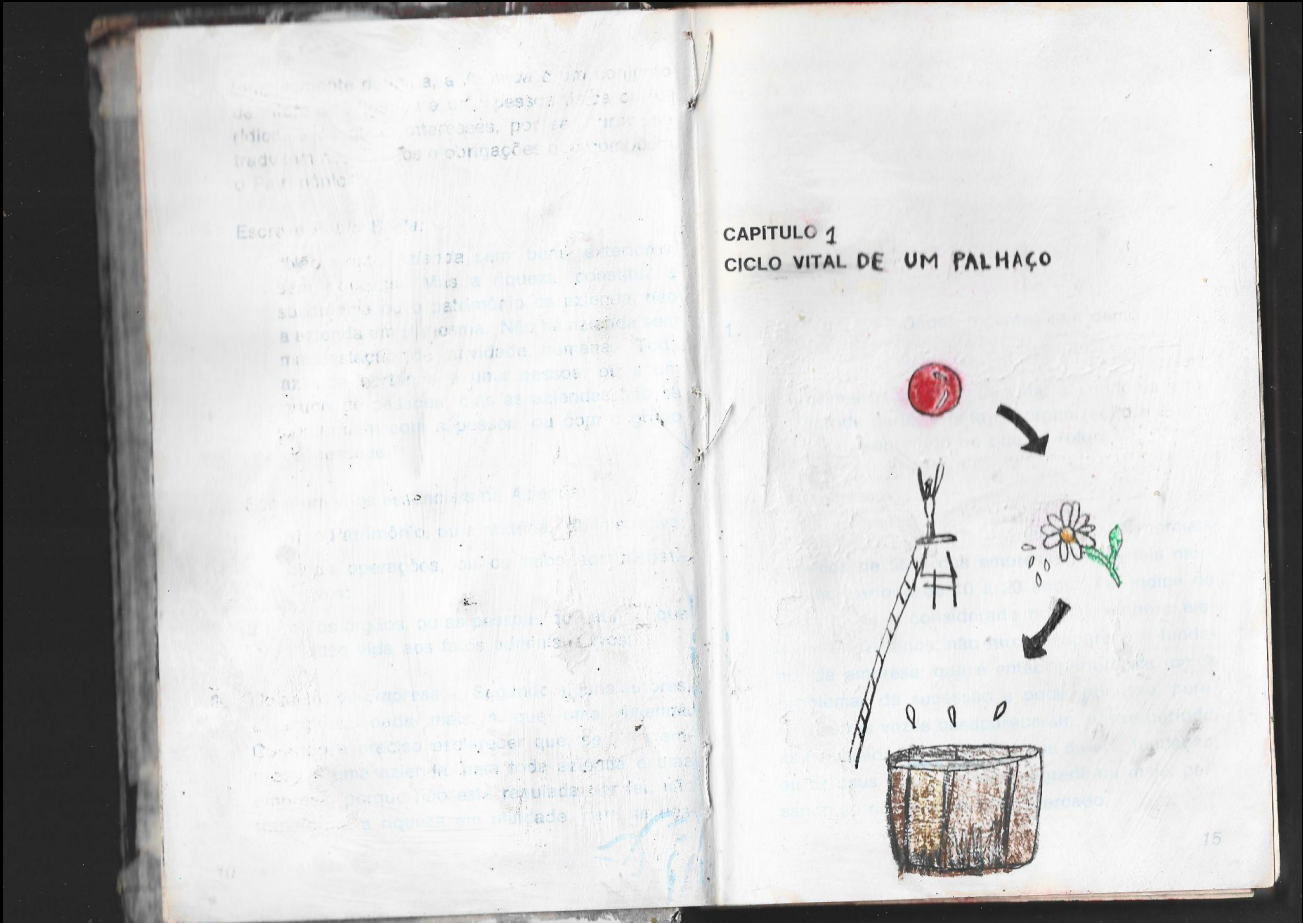
O chapéu de guizos não é uma máscara a mais, mas é uma garantia contra a fixação das máscaras. O chapéu de guizos é o que põe a nu que toda roupagem é máscara, que todo rosto é máscara, e impede que as máscaras, crenças de si mesmas, se solidifiquem e se ressequem. E essa é sua contribuição para a aprendizagem: não a destruição das máscaras, mas o reconhecimento de seu caráter de máscaras e o impedimento de que se grudem completamente. O chapéu de guizos da agilidade permite que a consciência continue fazendo piruetas. E, então, o baile de máscaras converte-se em uma alegre dança. (LARROSA, 2017, p. 154).



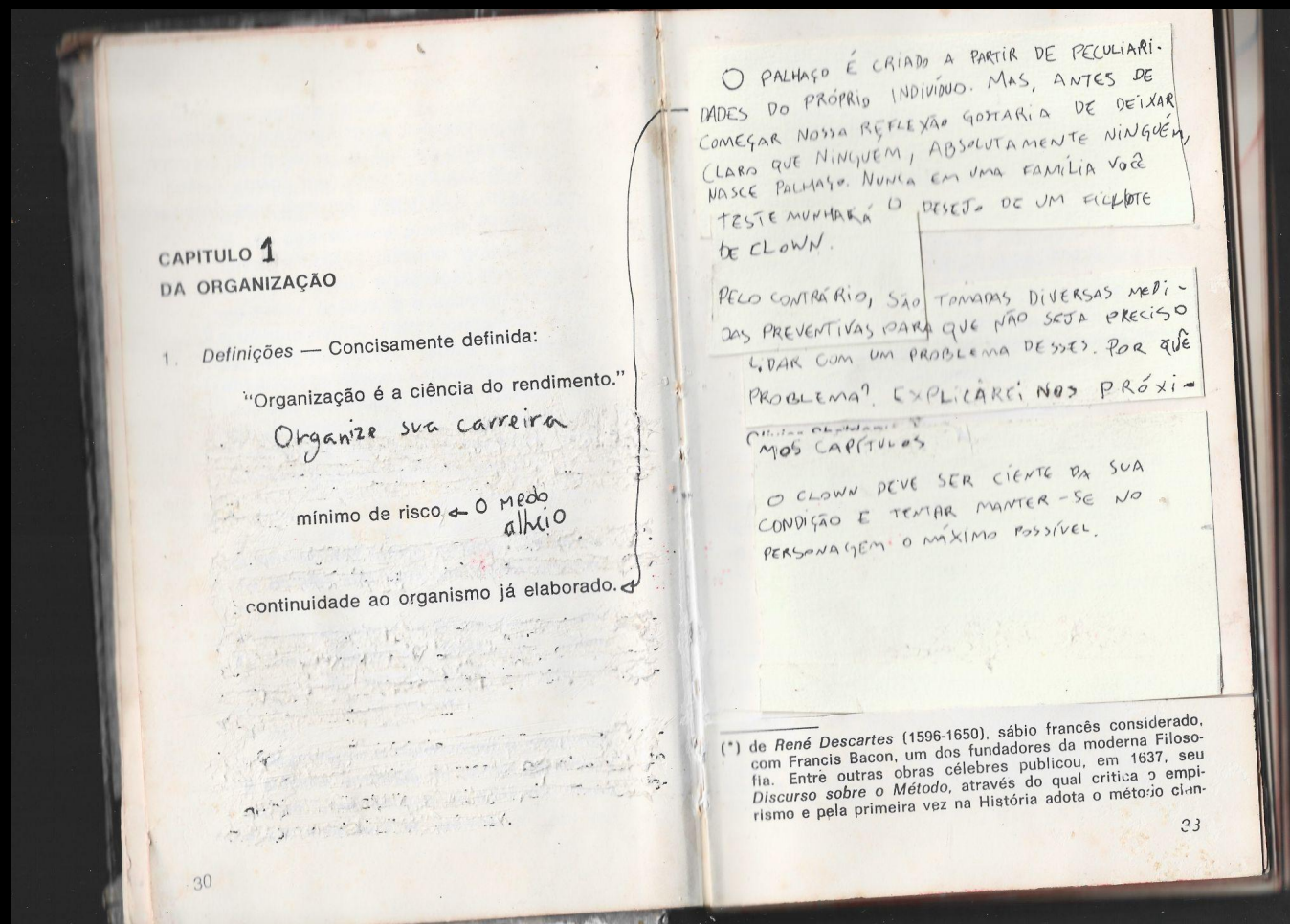
O encerramento da graduação é o momento que aceito e recebo o chapéu de guizos. Me encontro com o chapéu de guizos em mãos. Visto-o com orgulho.

ANEXOS

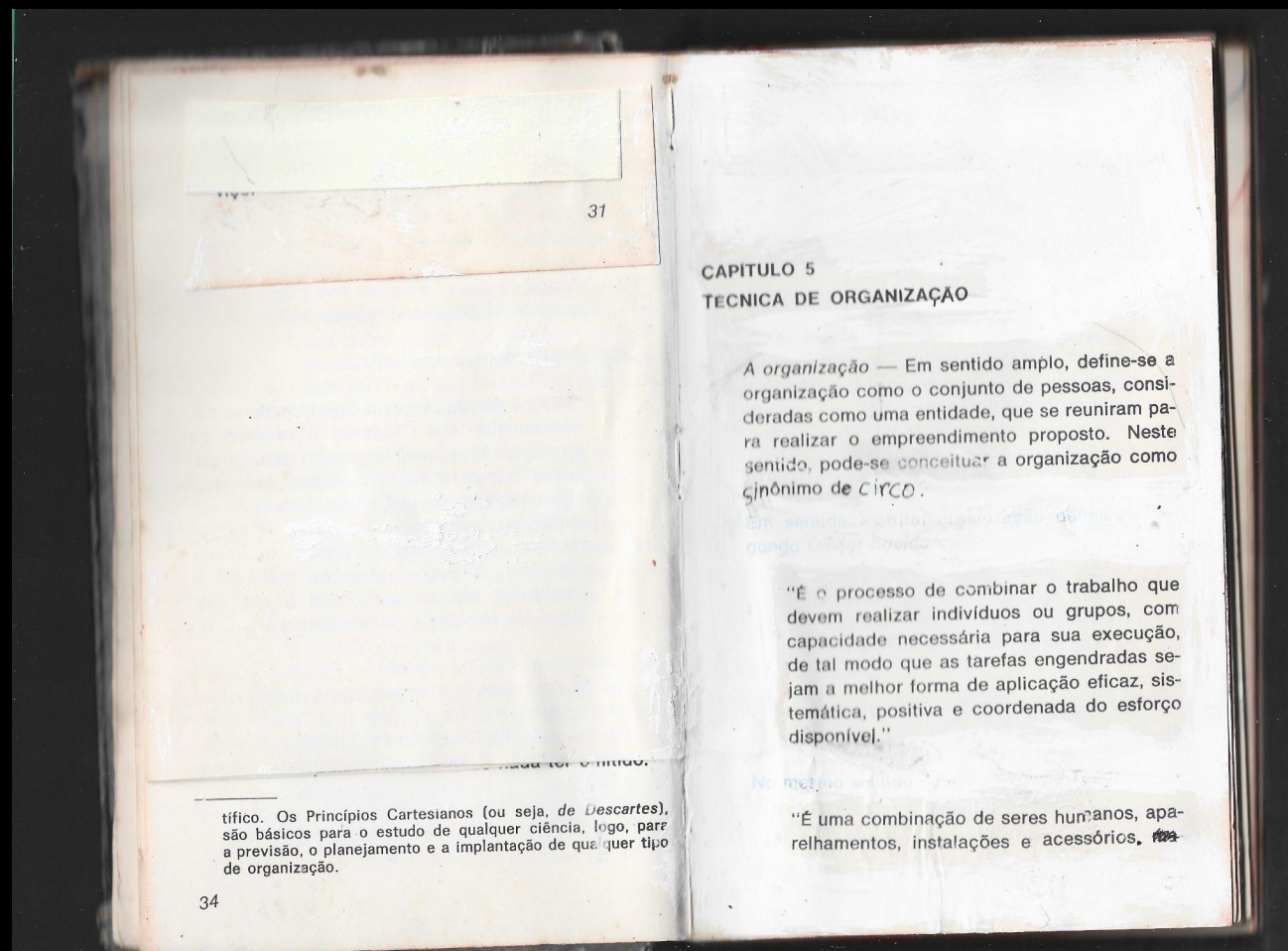
Anexo 1



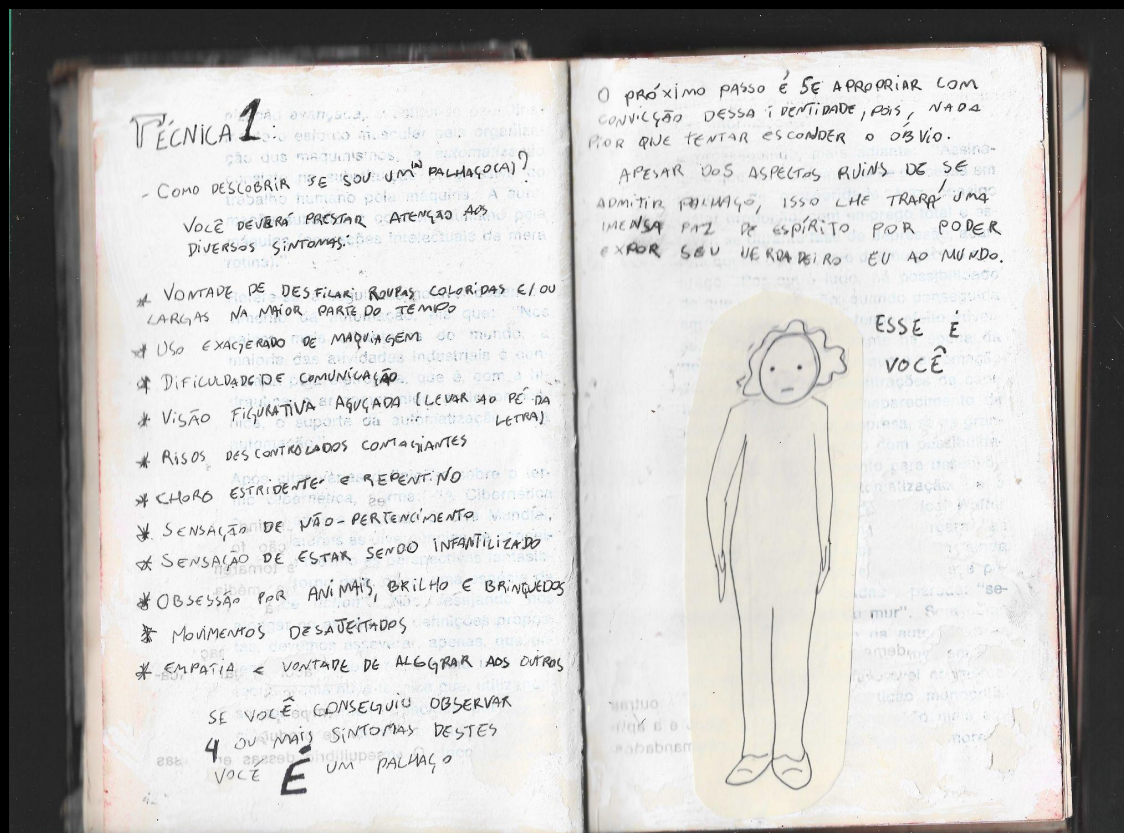
## Anexo 2



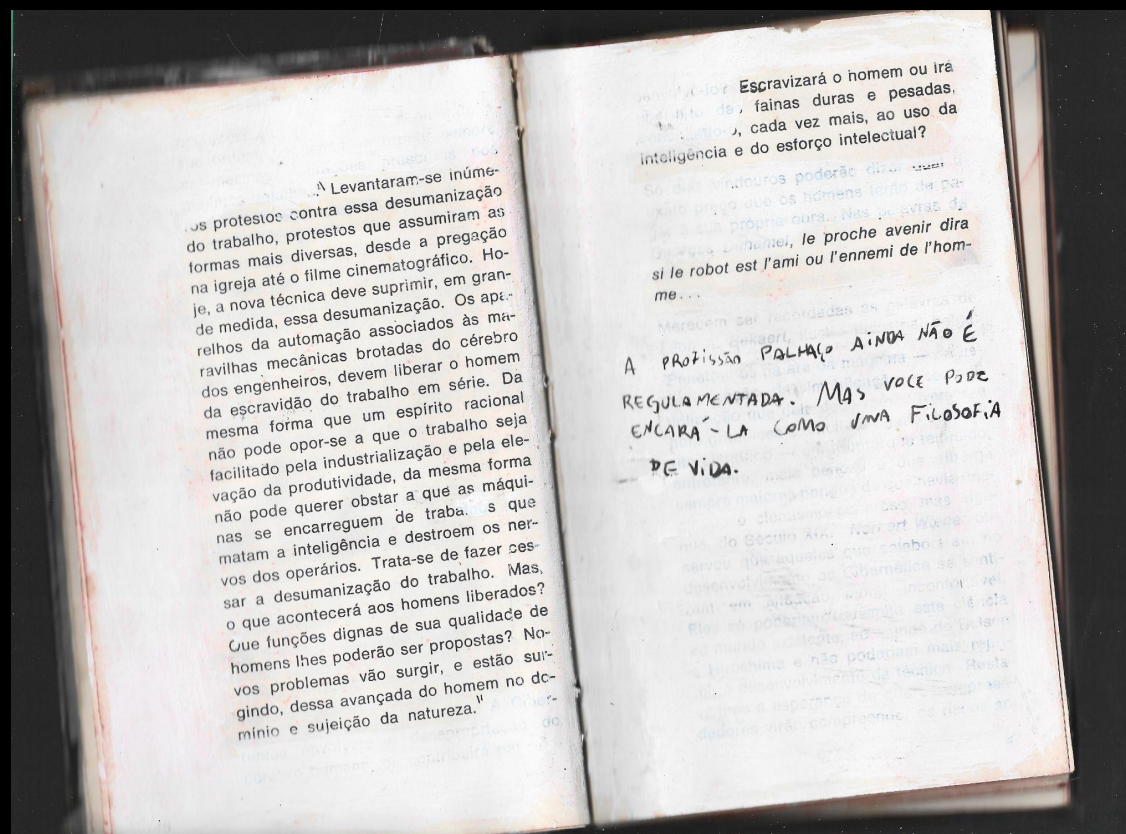
## Anexo 3



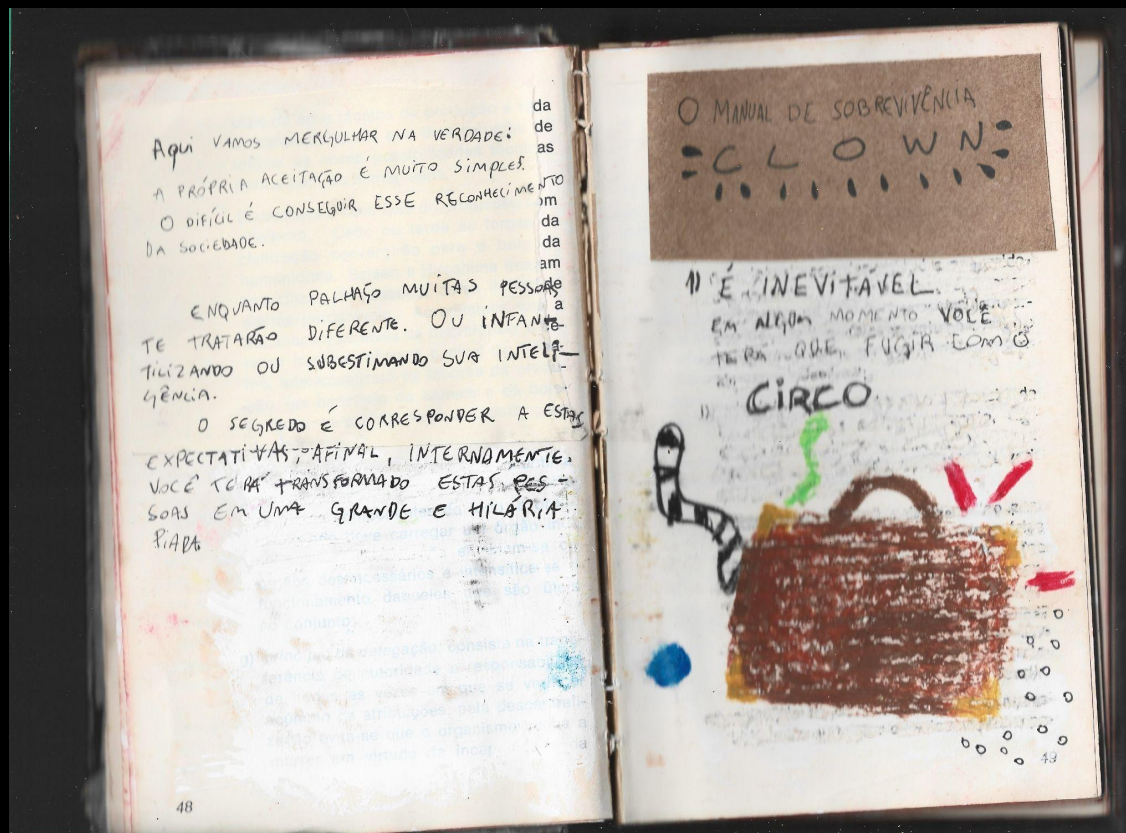
## Anexo 4



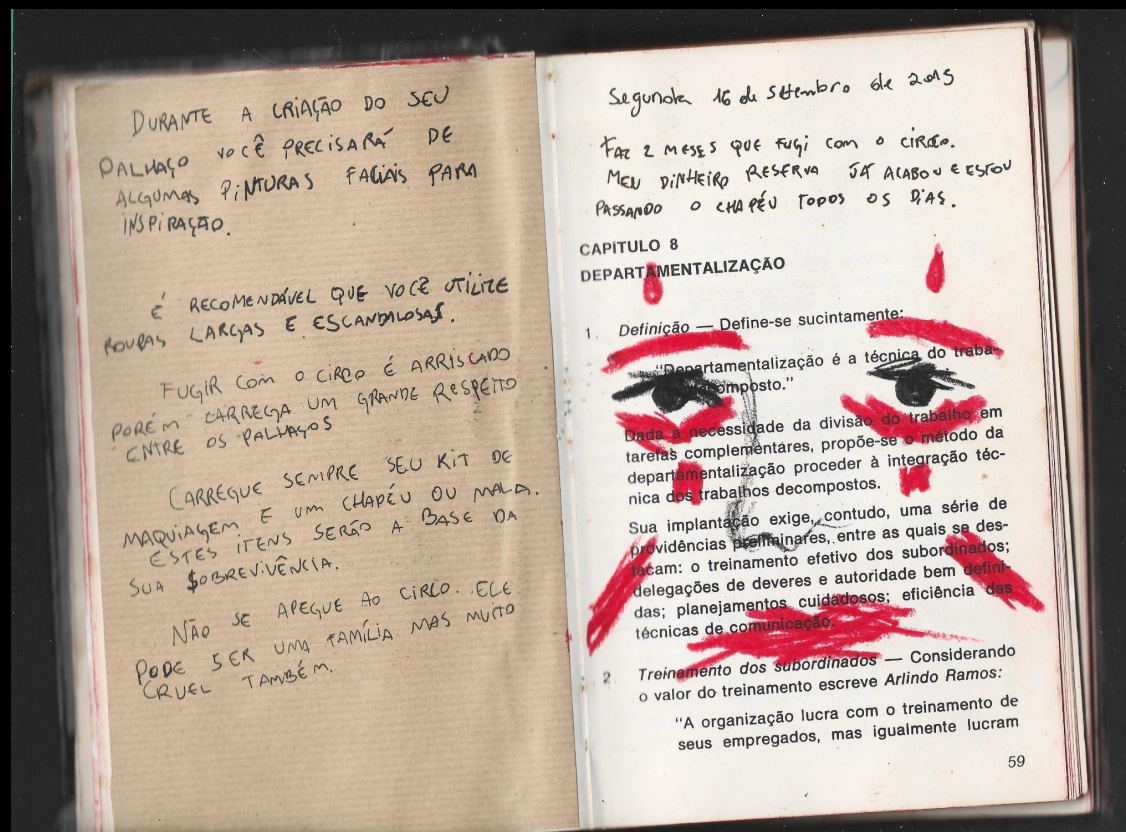
## Anexo 5



Anexo 6

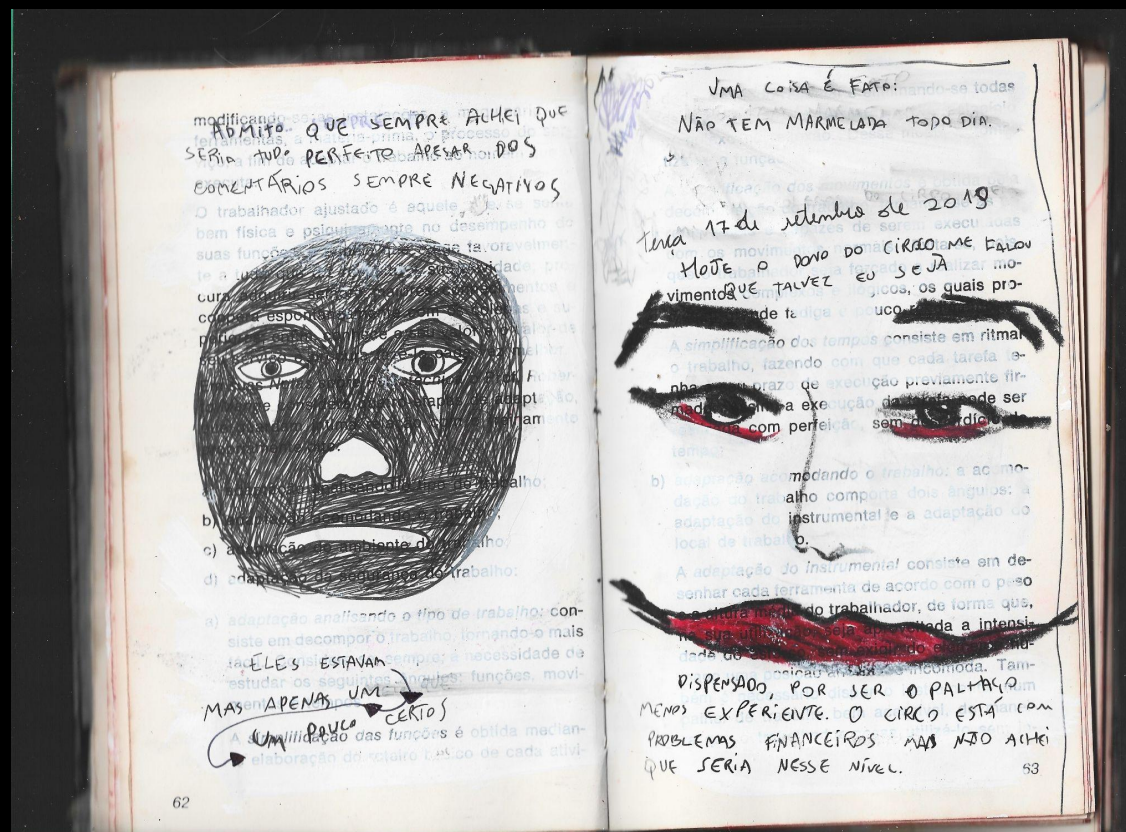


## Anexo 7



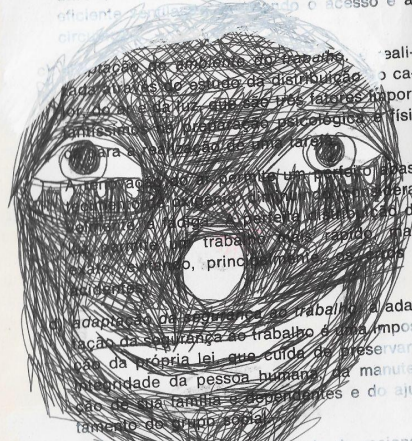


## Anexo 8



Anexo 9

terceiro o trabalho e... então, seja for-  
 AGRACIAR TODOS OS DIAS PELA  
 TRUPE QUE ELES SÃO INCRÍVEIS  
 SALTADORES, BAILARINAS, MATEMÁTICA,  
 E OUTROS PALHAÇOS. SOU EU, realizando uma



A psicoterapia procura, através da racionalização do trabalho, eliminar o esforço desnecessário, de combate à fadiga.  
 NÃO TERIA CHEGADO AQUI.

a) o que deve fazer.  
 E NOS ÚLTIMOS DIAS MAIS AINDA.  
 TENHO PREOCUPAÇÃO COM A MINHA CARREIRA,  
 TENHO PAR O MEU MELHOR NO PILADEIRO  
 MAS É BEM DIFÍCIL SE MANTER OIMISTA  
 EM UM MUNDO TÃO FEIO QUE DESVALORIZA  
 NISSO TRABALHO.

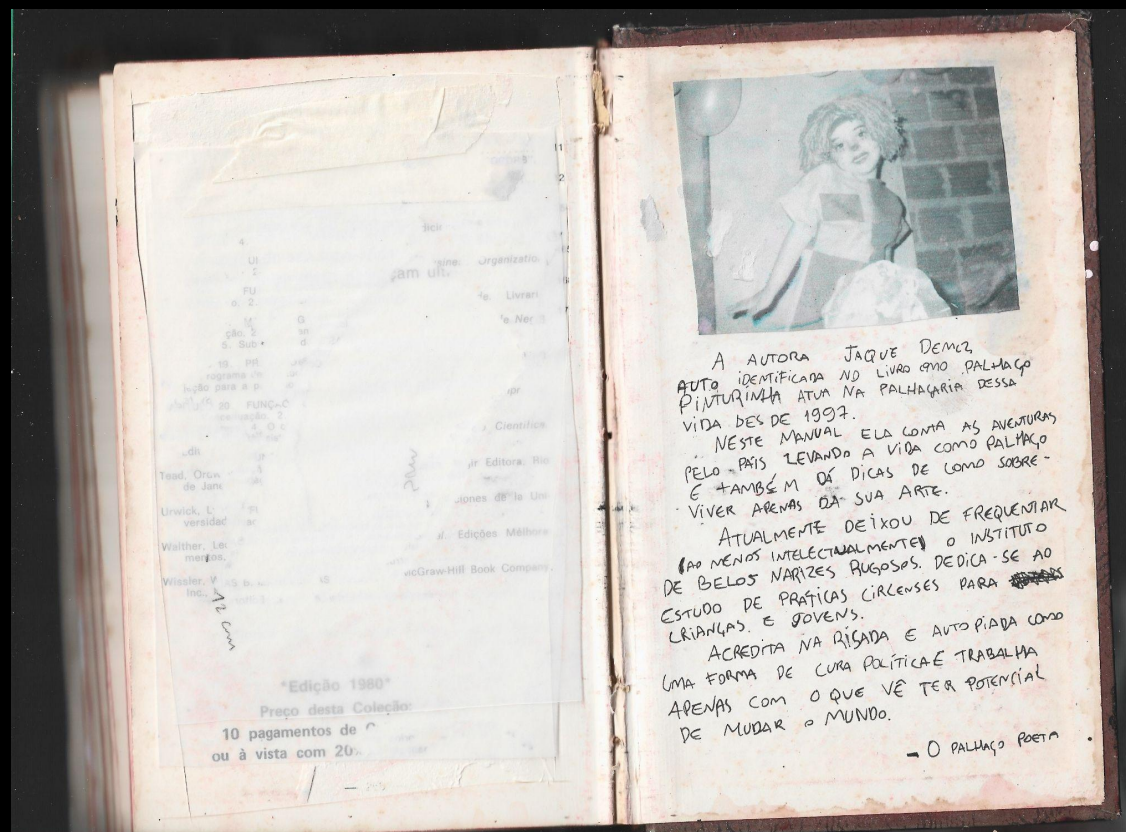


e) quais os regulamentos para execução dessas funções, os métodos e os recursos para assegurar sua execução.  
 De modo geral, a delegação de deveres é etapa final do planejamento organizacional, sendo que consiste em fixar mais detalhadamente as responsabilidades de cada cargo. O subordinado deve receber a responsabilidade acompanhada de poderes apropriados; mas também precisa conhecer os limites dessas autoridades e responsabilidades.

São formas de delegação:

1) o título do cargo ou a sua descrição, feita formalmente, no cargo.  
 descrição do cargo deve incluir o título.  
 OS COLEGAS TEM ME AJUDADO BASTANTE  
 E NÃO FOLAR NISSO. ATÉ SE DISPORAM A  
 ME AJUDAR NO QUÊ POR PRECISO MAS  
 TAMBÉM NÃO QUERO SOBRECARRÉGA-LOS  
 ACINAL ESTAMOS NO MESMO CÍRCULO.

## Anexo 10



A AUTORA JAQUE DEMZ  
 FOI IDENTIFICADA NO LIVRO OMO PALHAÇO  
 PINTURINHA ATUA NA PALHAÇARIA DESSA  
 VIDA DES DE 1997.

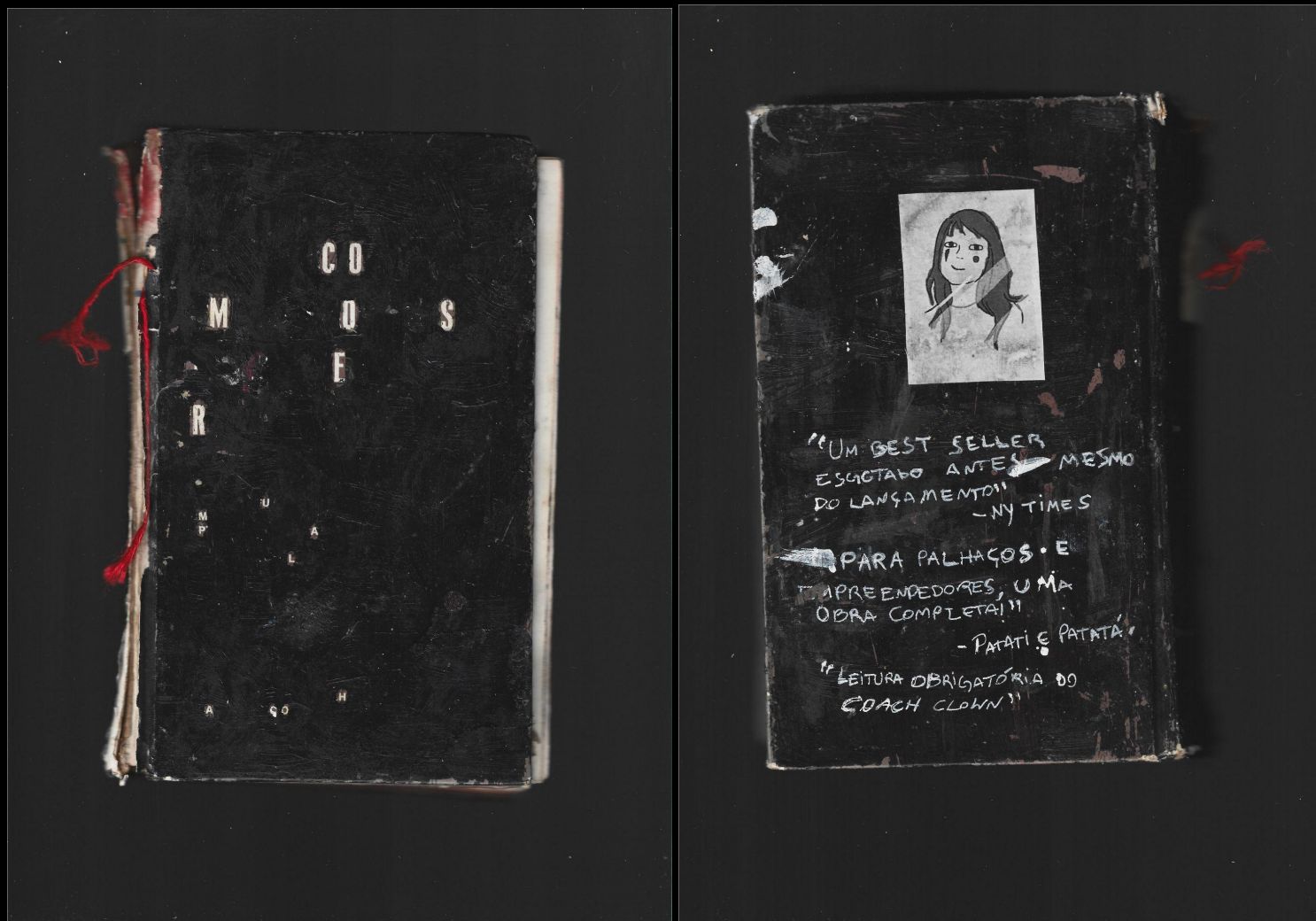
NESTE MANUAL ELA COMA AS AVENTURAS  
 PELO PAÍS LEVANDO A VIDA COMO PALHAÇO  
 E TAMBÉM DÁ DICAS DE COMO SOBRE-  
 VIVER ARENAS DA SUA ARTE.

ATUALMENTE DEIXOU DE FREQUENTAR  
 (AO MENOS INTELCTUALMENTE) O INSTITUTO  
 DE BELOS NARIZES RUGOSOS. DEDICA-SE AO  
 ESTUDO DE PRÁTICAS CIRCENSES PARA  
 CRIANÇAS E JOVENS.

ACREDITA NA RISADA E AUTOPIADA COMO  
 UMA FORMA DE CURA POLÍTICA E TRABALHA  
 APENAS COM O QUE VÊ TER POTENCIAL  
 DE MUDAR O MUNDO.

- O PALHAÇO POETA

## Anexos 11 e 12



## BIBLIOGRAFIA

- LARROSA, J. **Pedagogia profana : danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- EAGLETON, T. **Humor : O Papel Fundamental Do Riso Na Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2020.
- BERGSON, H. **O Riso: Ensaio sobre o significado do cômico**. Tradução: Maria Adriana Camargo Capello. 1. ed. [s.l.] Edipro, 2021.
- DEZOTTI, M. C. C.; BERLINER, E.; DUARTE, A. **Esopo : fábulas completas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- HIGGIE, J.; IWONA BLAZWICK. **The artist's joke**. London: Whitechapel ; Cambridge, Mass, 2007.
- DUNKER, C.; THEBAS, C. **O palhaço e o psicanalista: Como escutar os outros pode transformar vidas**. [s.l.] Planeta, [s.d.].
- PILLAR, A. D. . **Efeitos de humor em Bob Esponja**. In: Gilberto Icle. (Org.). **Pedagogia da Arte: Entre-Lugares da Escola**. 1ed.Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012, v. 2, p. 261-277.
- SONTAG, S. **Notes on "Camp"**. London, Uk: Penguin Books, 2018.
- XAVIER, M. **Piada explicada : imagem e humor em uma pesquisa em poéticas visuais**. 2011.
- SOUZA, Pamella Soares de. **Memes: apropriação e pintura**. 2018. [198] f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Plásticas)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- MORAIS, Marília Brandão Lemos. **Humor e psicanálise**. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte , n. 31, p. 114-124, out. 2008 .

**The Future.** Direção: Miranda July. Lions Gate, 2011.

**Me and You and Everyone We Know.** Direção: Miranda July. United States IFC Films, 2005.

**Man on the Moon.** Direção: Miloš Forman. Warner Bros, 1999.

**O Noviço Rebelde.** Direção: Tizuka Yamasaki. Europa Filmes, 1997.

**THE GARDEN. The Garden (live) - Release Party** – ARTE ConcertARTE Concert, 2017.